

Manoel de Barros – arquivo, imprensa e desafios biográficos

Gustavo de Castro da Silva
Guilherme Mazui Roesler

Resumo:

Mediante a coleta, leitura e catalogação dos arquivos de imprensa sobre o poeta Manoel de Barros entre as décadas de 1920 e 2020, o presente artigo tem o objetivo de analisar o referido material e subsidiar um futuro perfil biográfico do poeta. O levantamento suscita o problema da organização de um inventário jornalístico para composição de um perfil, assim como o problema da verdade biográfica, da falsidade, da imprecisão e da mitologia criada a partir da imprensa. Percebemos a fluidez dos limites entre narrativa de si, invenção, mentira e autoficção, observando, por isso, a necessidade de checagem permanente e de aprofundamento hermenêutico e biográfico no arquivo da personagem estudada. Nossas conclusões apontam para a importância da metodologia da complexidade como investimento estratégico e intelectual no sentido de atuar em diferentes frentes e operacionalizar a pesquisa e a escrita biográfica.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Arquivo. Imprensa.

Manoel de Barros – archive, press and biographical challenges

Abstract:

Through collecting, reading and cataloguing press archives on the poet Manoel de Barros published between the 1920s and 2020, this article aims to analyze this material and support a future biographical profile of the poet. The study raises the problem of organizing a journalistic inventory to compose a profile, as well as the problem of biographical truth, falsehood, inaccuracy, and mythology created through the press. We have observed the fluidity of the boundaries between self-narrative, invention, lies and autofiction, and therefore the need for constant checking and deeper hermeneutics and biography in the archive of the person under study. Our conclusions point to the importance of the complexity methodology as a strategic and intellectual investment in the sense of acting on multiple fronts, and operationalizing biographical research and writing.

Keywords: Manoel de Barros. Archive. Press.

Gustavo de Castro da Silva

Universidade de Brasília
(UnB)

E-mail: gustavo.castro@fac.unb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>

Guilherme Mazui Roesler

Universidade de Brasília
(UnB)

E-mail: guilherme-mazui@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3348-7168>

Introdução

Em 2024, completaram-se dez anos da morte do poeta Manoel de Barros, ocorrida no hospital Proncor, logo ao amanhecer do dia 13 de novembro de 2014, em Campo Grande (MS). Esta efeméride nos incentivou a pensar retrospectivamente a biografia do poeta e ela nos levou também a formular a pergunta: quem era Manoel de Barros?

Neste artigo, nosso objetivo é apresentar um perfil biográfico do poeta a partir de sua fortuna crítica na imprensa. Antes, no entanto, apresentamos uma minibiografia do escritor, seguida de um tópico dedicado a seus arquivos pessoais, em especial, os 111 cadernos de rascunhos deixados por ele. A seguir, expomos os dados da nossa coleta em 126 jornais e revistas, seguida de uma breve reflexão sobre a verdade biográfica.

Manoel já foi alvo de outros inventários como o que propomos. Segundo Yamamoto (2016, p. 20), Afonso de Castro (1991) apresentou uma “pequena listagem” de reportagens na dissertação *A Poética de Manoel de Barros*, seguida de levantamentos de maior fôlego feitos por Kelcilene Grácia Silva (1998) e Walquíria Béda (2002). A coleção detalhada por Béda reuniu 549 textos (teses, dissertações, monografias, artigos, ensaios, resenhas, entrevistas, reportagens, correspondências e homenagens) publicadas entre 1942 e 2002, sendo que a metade do conjunto era de registros jornalísticos.

Marcelo Marinho, docente na UNILA, à época na Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande, organizou a *Gleba Expositiva Manoel de Barros*, que reuniu material de jornais e revistas publicado sobre Manoel entre as décadas de 1940 e 2000, coleção que abasteceu o levantamento de Béda. Rauer Ribeiro Rodrigues e Kelcilene Grácia-Rodrigues (2019), no Grupo de Pesquisa Literatura e Vida (GPLV), da UFMS, listaram 236 registros da fortuna crítica de Manoel, entre notas, reportagens, entrevistas, resenhas, artigos acadêmicos, comentários e análises. Adalberto Müller (2010) publicou o livro *Manoel de Barros: entrevistas*, um perfil redigido a partir de um conjunto de entrevistas concedidas por escrito pelo poeta entre 1960 e 2010, mas sem especificar em quais veículos foram publicados os questionários.

Reunir, catalogar e analisar essas aparições na mídia impressa ao longo de décadas exige um duro trabalho que envolve, por exemplo, saberes de jornalismo, da literatura, da poesia, da pesquisa documental e das histórias de vida. Este trabalho almeja, portanto, os campos inter e transdisciplinar, que se interconectam com distintos graus de complexidade (Castro et al., 2018). A mesma lógica de complexidade se aplica ao desafio de produzir uma biografia do poeta.

Neste artigo, abordamos alguns desafios biográficos no estudo do poeta mato-grossense, como as muitas mentiras (ou invenções) que contou sobre si e o recorte da crítica cultural realizada mediante notícias de jornais e revistas. Na mídia impressa, nos atemos a veículos brasileiros e alguns poucos do exterior, e não incluímos a produção intelectual acadêmica presente nos bancos de dados universitários, exceto os trabalhos que tratam justamente das notícias de jornais. Durante um ano e meio, investigamos os bancos de dados da mídia impressa à procura de formar uma coleção de referências capazes de dar um panorama biográfico confiável de Manoel.

Assim foi que inventariamos 1.848 textos entre reportagens, entrevistas, notícias, notas e textos opinativos (colunas, resenhas, comentários). Os registros que coletamos foram publicados em 126 jornais e revistas entre as décadas de 1920 e 2020. Nosso esforço foi o de recolher, ler e sistematizar as aparições, apresentações e representações do poeta na imprensa, assim como alguns imaginários a ele relacionados.

Buscamos com este inventário colaborar para uma visão biográfica mais crítica e ajustada de Manoel a partir da imprensa. Ao longo da pesquisa, no entan-

to, verificamos que tal coleta sistemática seria apenas um dos problemas metodológicos. Outro desafio seria a organização do material e análise. Por isso, adotamos a tática de compor uma linha do tempo dos registros nos jornais, sem desconhecer que, como observou Otto Maria Carpeaux (1951, p. 12), a fortuna crítica e a bibliografia secundária de um escritor são também a “história das opiniões sobre ele”. Adotamos a metodologia da complexidade que busca compreender os fenômenos a partir da interação entre as partes, sempre numa perspectiva inclusiva, integradora e interconectada, e não por meio da fragmentação. Tal proposta se adequa ao presente estudo por ser a biografia um campo interdisciplinar e marcado por rupturas. Tal metodologia prevê o uso das noções de holograma (relação entre as partes e o todo), da dialogia (comunicação entre os campos) e recursividade (retorno às questões iniciais).

Neste sentido, pretendemos articular o volume de material coletado com estas noções metodológicas e com a proposta desenvolvida por François Dosse (2015; 2022), para quem a empatia, a compreensão e a pluralidade da abordagem biográfica devem ser “consideradas objetos interessantes de serem pensados pela sua complexidade, e pela impossibilidade de reduzi-las a esquemas mecânicos” e por “restituir os fenômenos de interação e do imbricamento das vidas” (Dosse, 2022, p. 2-3). Por lidarmos com os problemas decorrentes de uma investigação biográfica que se pretende transdisciplinar e complexa, como é a relação do jornalismo com a literatura, as artes e as ciências, esta investigação entende que o estudo de uma identidade como a do poeta Manoel de Barros, representa um grande desafio biográfico a ser enfrentado, devido às múltiplas linhas de investigação.

O poeta

Começamos com um breve perfil biográfico do poeta. Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em 19 de dezembro de 1916, no Beco da Marinha, em Cuiabá (MT). Seus pais eram João Wenceslau Leite de Barros e Alice Pompeu Leite de Barros. Na infância de Nequinho, como Manoel era chamado, a família mudou-se para a região de Corumbá, no atual Estado de Mato Grosso do Sul – a divisão entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ocorreu em 1977.

João construía cercas e trabalhava como capataz até fundar a própria fazenda. Em suas viagens, levava esposa e filhos pelo Pantanal. O poeta deixou Corumbá ainda menino. Viveu como aluno interno em Campo Grande (MS) e no Rio de Janeiro (RJ). No tradicional Colégio São José, na Tijuca, escola de irmãos maristas, o jovem conheceu uma série de autores que lhe serviram de guias, entre os quais, o padre Antônio Vieira, Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé e Arthur Rimbaud (Béda, 2002).

Manoel concluiu o ginásio, graduou-se em Direito e, ainda no Rio, foi filiado ao Partido Comunista por 10 anos (1935-1945). O poeta viajou pela Bolívia e Peru, e ficou três meses nos Estados Unidos para estudar cinema e pintura (Yamamoto, 2016). Em 1947, casou-se com Stella, com quem teve três filhos: Pedro, Martha e João. Após perder o pai, em 1949, herdou uma fazenda no Pantanal da Nhecolândia (MS). O poeta teve sucesso como fazendeiro e viveu entre Corumbá e Campo Grande, onde ergueu a casa que lhe serviu de morada e de local de escrita até o final da vida, em 2014. Na residência, manteve uma rotina que começava às 5h, com uma dose de guaraná em pó, seguida de caminhada de três quilômetros. Ele passava o restante da manhã no seu escritório, que descrevia como “lugar de ser inútil”. Almoçava, sesteava, lia, ouvia música e ficava com os netos.

Manoel lançou livros entre 1937 e 2011. Estreou com *Poemas Concebidos Sem Pecado*, em uma edição artesanal distribuída a amigos. Em 1942, publicou *Face Imóvel*, título que recebeu elogios na imprensa mato-grossense e fluminense. Em quase oito décadas, publicou 20 livros de poesia, quatro de prosa poética e

quatro obras infantis. Avesse à rigidez da gramática, imaginou e criou sem amarras em uma relação de amor com as palavras, os seres e às coisas desimportantes. A liberdade para escrever pode ser vista, entre tantos outros exemplos, no título e nos versos d'O *Livro das Ignorâncias* (1993): "O delírio do verbo estava no começo, lá /onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos" (Barros, 1993, p. 17).

Manoel, que não se considerava um modernista da Geração de 1945, mostrou ao leitor retratos poéticos, principalmente da região pantaneira. Berta Waldman (1989, p. 4), no *Jornal do Brasil*, frisou que a natureza foi a "matéria-prima" do autor para tratar de assuntos universais, entre os quais, vida e morte. Waldman publicou o texto no momento em que o poeta ganhou reconhecimento nacional, sobretudo em veículos de grande circulação do Rio de Janeiro e São Paulo. A divulgação mais ampla da obra veio após o sétimo livro, *Arranjos para Assobio* (1982).

Descrito em 1956 pela *Tribuna da Imprensa* como "uma das mais esquivas figuras da geração de 45, mas uma das mais importantes", Manoel só passou a ter a obra mais divulgada, comentada e estudada nos anos 1980, em parte por sua timidez. Evitava congressos, preferia conceder entrevistas por escrito, já que detestava "falar com ferros", em alusão ao microfone dos repórteres. O autor relatou mais de uma vez que, na primeira audiência como advogado, ficou tão nervoso que vomitou no processo (Rodrigues, 2007). "Arredio", "encaramujado", "tímido" e "inacessível" foram adjetivos citados em reportagem de *O Estado de S. Paulo* (Borges, 1989, p. 12).

Um dos principais incentivadores de Manoel foi Millôr Fernandes, que, em 1984, em uma coluna na revista *Isto É*, chamou atenção para o poeta. *Caramujo-flor* (1988), filme de Joel Pizzini, sucesso de público, aumentou ainda mais a popularidade do escritor, que iniciou sua notoriedade internacional após uma entrevista à revista espanhola *El Paseante* (1988). Por fim, uma entrevista por cartas à revista brasileira *Bric-a-Brac* (1989) ajudou a consolidar o espaço do autor mato-grossense, que se tornou sucesso de vendas e de crítica, vencendo duas vezes o prêmio Jabuti (*O Guardador de Águas*, em 1990; *O Fazedor de Amanhecer*, em 2002). *Livro de Pré-Coisas* (1985), *Gramática Expositiva do Chão* (1969), *O Livro da Ignorâncias* (1993) e *Livro Sobre Nada* (1996) são exemplos de outros títulos celebrados de Manoel.

Em 2010, o autor lançou *Menino do Mato* e a antologia *Poesia Completa*. Ele também assinou livros infantis e publicou uma autobiografia poética na trilogia *Memórias Inventadas: a Infância* (2003), *a Segunda Infância* (2006) e *a Terceira Infância* (2008). O poeta ainda foi tema do documentário *Só Dez por Cento é Mentira* (2008), de Pedro Cezar. Manoel morreu em 13 de novembro de 2014, aos 97 anos de idade, de falência múltipla dos órgãos, depois de passar por uma cirurgia e ficar internado no hospital Proncor, em Campo Grande. Deixou esposa, três filhos, sete netos e cinco bisnetos.

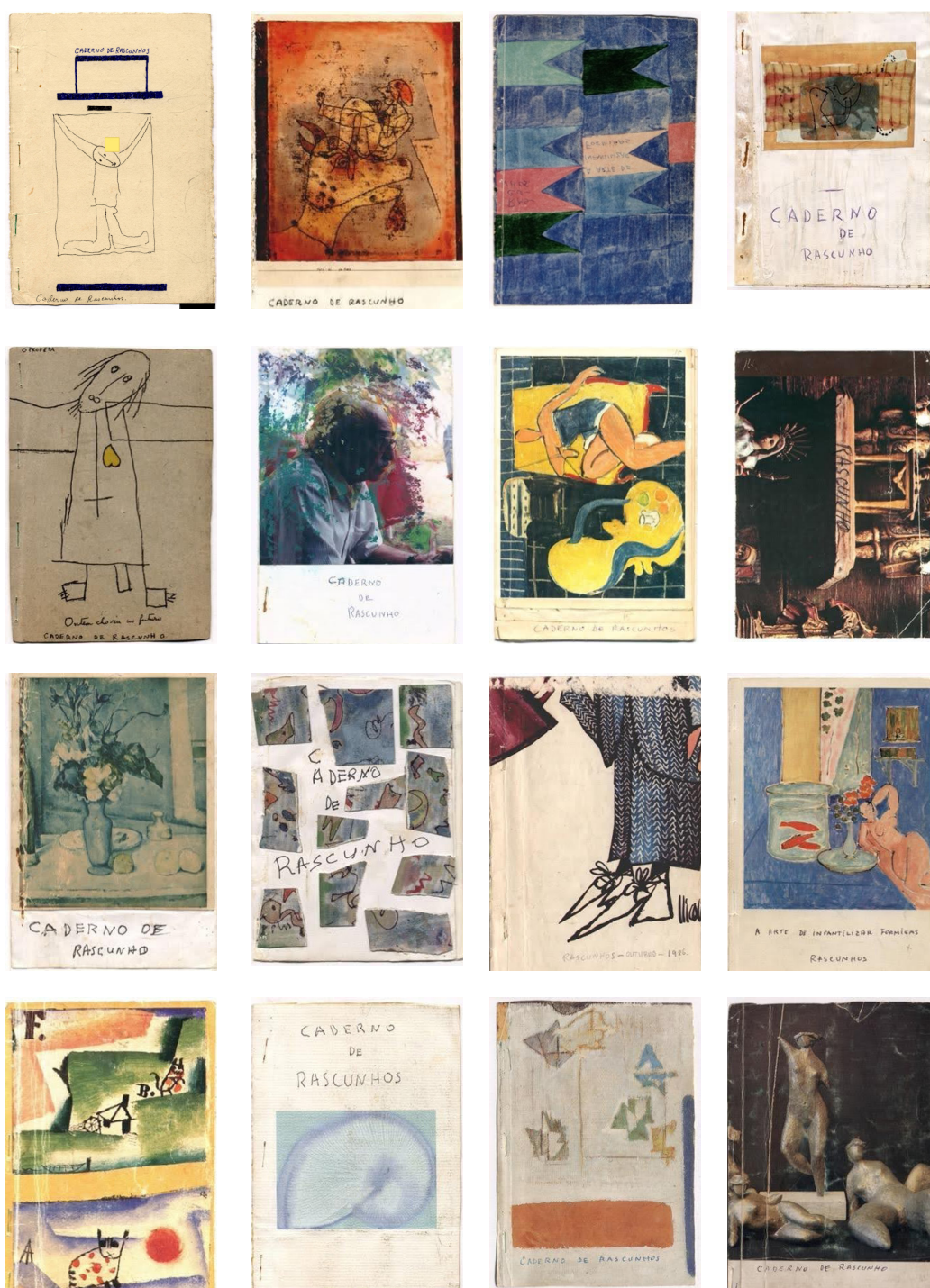
Cadernos de rascunhos

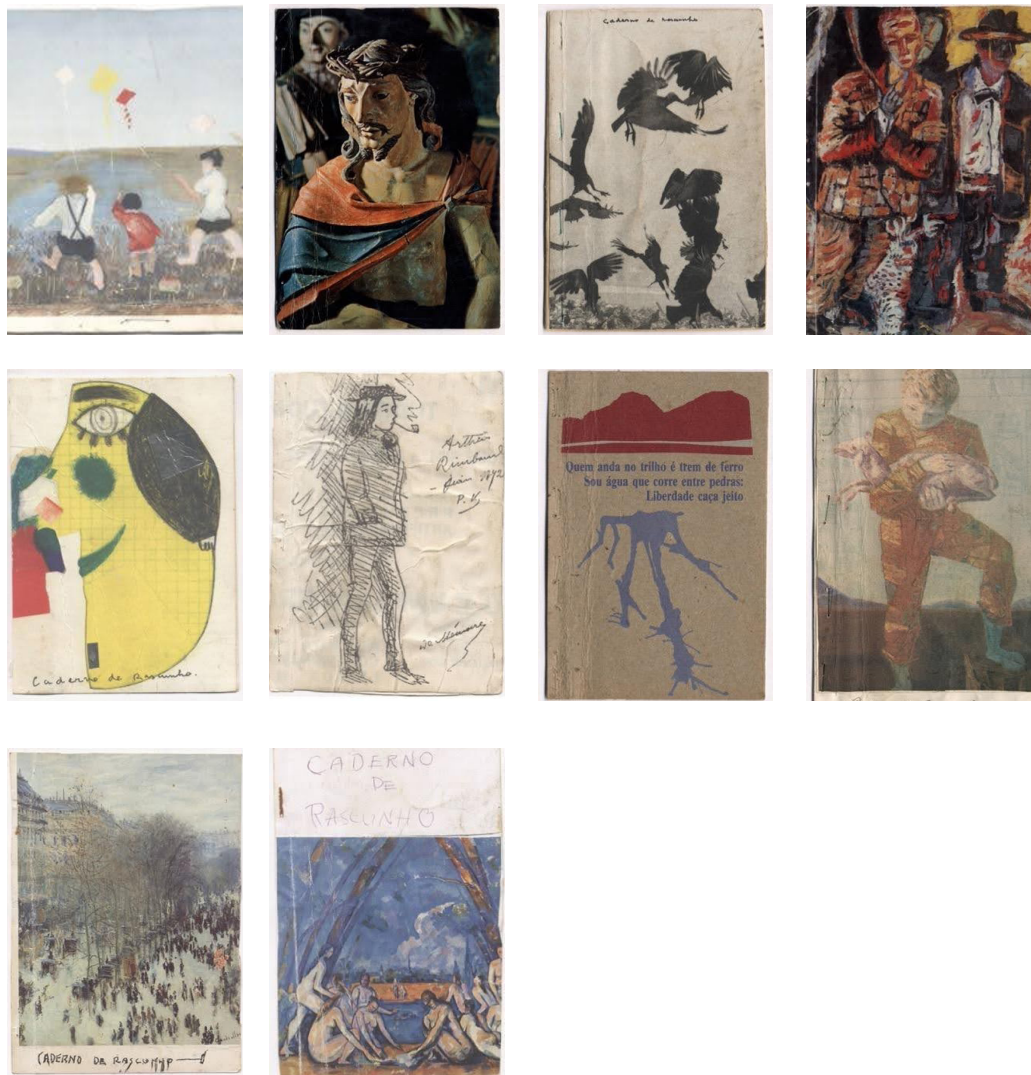
Vamos agora destacar alguns desafios biográficos que identificamos em nosso levantamento. Tais problemas se relacionam ao arquivo pessoal do poeta: cartas que trocou com amigos, admiradores e fãs; os "cadernos de rascunho", manuscritos em que escrevia os primeiros esboços de seus versos; fotografias e entrevistas que Manoel deu ao longo da vida, nas quais podemos extrair e/ou checar dados biográficos. Nesse material, dois aspectos chamaram imediatamente nossa atenção: o primeiro, a intenção de transformar tais entrevistas em prosa poética; o segundo: a quantidade de mentiras (ou invenções) que Manoel subscrevia nelas. Nesta seção, preferimos centrar nossa atenção nos cadernos de rascunho.

Nas manhãs de trabalho no "escritório de ser inútil", em sua casa em Campo Grande, Manoel lia principalmente filosofia, poesia e literatura. Consultava

palavras nos dicionários, desenhava e escrevia em seus “cadernos de rascunho” que chamava também de “cadernos do caos.” Ele não só passava o dia trabalhando neles como, às vezes, dormia com os cadernos sobre o peito. Num desses cadernos (n. 51) admite logo na segunda página: “Os cadernos de rascunho são matéria de onde eu tiro os meus poemas.”

Mas não eram só versos o que anotava. Ali, há ensaios, esboços de cartas, entrevistas, sumários, epígrafes, desenhos, projetos de livros, exercícios de frases e estudos. *Relieur* autodidata, elaborava os cadernos de forma rudimentar: dobrava duas vezes dez folhas de papel A4, grampeava-as na lombada e com um estilete abria as páginas; a seguir, numerava-as no canto direito, no alto; e, por fim, buscava algo para a capa. Dispunha de uma farta coleção de postais e colava dois deles na capa e na contracapa. Em geral, eram postais de telas e pinturas, desses vendidos em museus e galerias, mas também usava fotografias de esculturas e de poetas ou desenhos feitos por ele próprio. A seguir, algumas das capas confeccionadas por Manoel:





Os 111 cadernos estão repletos de poemas ou tentativas de. A rigor, contém os poemas que depois aparecem nos livros, mas também há frases, citações, colagens, confissões, desenhos, ideias, imagens avulsas escritas em letras pequeníssimas, tão miúdas que precisamos de lupa para melhor decifração. Alguns temas estão dispersos em vários cadernos como é o caso das “Formigas”, por exemplo. Em no mínimo dois cadernos, surge escrito na capa: “Arte de infantilizar formigas” (n. 3 e n. 13). O que sugere que Manoel escolheria a imagem da formiga para ilustrar o título de algum livro. Um esboço de prefácio (caderno n. 8), para o projeto de “Arte de infantilizar formigas”, está dividido em três partes: 1) “Trechos para andarilho”, 2) “Relação das coisas que as formigas, os loucos e as crianças naturalmente sabem” e 3) “O colecionador de máscaras”.

O tema das formigas acompanhou Manoel por longo tempo. A primeira frase do caderno n. 3 é: “Escorre chuva íntima nos braços da formiga.” Os insetos, assim como outros bichos, aparecerão em seus cadernos como apelo ao mundo invisível. Servirão para ele pensar o discreto, o miúdo e o necessário. Manoel chegara a dizer numa entrevista (Jansen, *O Estado de S. Paulo*, 1995, D1): “O cu de uma formiga é muito mais importante para a poesia do que uma usina nuclear.” E também (Accioly, *Cadernos do Terceiro Mundo*, 1994, p. 17-19): “Chegamos a pensar que Kant é mais importante que uma formiga. Eu fui um sujeito estudado. Ia de Kant às formigas.” E concluiu: “comecei a achar que a formiga era mais importante que Kant.”

Havia nessa percepção das formigas uma cosmovisão, como se verá. Elas lhe inspiravam trabalho contínuo, estilo e estética. Para Manoel, “os bugres” es-

tavam voltados para as coisas menores, não para as maiores, atentavam não às florestas, mas às folhas das árvores. E, como atestou em diálogos e entrevistas, era alguém que se considerava um “bugre”. Na pesquisa biográfica ora em curso, na qual trabalhamos desde 2020, o estudo dos cadernos é de fundamental importância pois se relaciona diretamente à gênese criativa do poeta. Ali podemos encontrar grande parte das estratégias criativas utilizadas por ele e identificar importantes fontes de informação das escolhas estéticas do escritor. O material, contudo, pouco auxilia na compreensão do cotidiano de Manoel, uma vez que raramente traz datas, meses e anos. Necessitamos, por isso, levar a cabo uma minuciosa pesquisa comparativa entre os cadernos e os livros publicados, cotejando as datas de publicação, para melhor circunscrever o conjunto dos cadernos.

Outro problema biográfico que enfrentamos está no campo das correspondências. Das cartas escritas pelo poeta mato-grossense, apenas uma ínfima parte é conhecida, face o gigantismo do material. Algumas poucas correspondências podem ser consultadas: as reunidas no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP); as cartas que família e amigos nos permitiram reproduzir e ler para esta pesquisa; e aquelas enviadas a jornalistas, publicadas em periódicos, teses, autobiografias ou memórias. Esse material representa uma pequeníssima parte do conjunto. O gigantismo numérico das cartas não conhecidas, de posse de amigos, musas, admiradores, fãs ou mesmo perdidas, valeria o esforço de um projeto à parte.

Inventário de mídia impressa

Conforme Moura (2012, p. 325), o jornal pode ser visto como uma variada vitrine (de parte) da realidade construída. O acontecimento e o seu relato na imprensa não são idênticos porque o jornalista faz um “recorte de parte da realidade”, opta por dar ênfase a determinado ponto de vista, ouve e resume testemunhos, contextualiza fatos, destaca e descarta trechos da fala do entrevistado. Assim, a produção jornalística teceu imagens de Manoel e influenciou o imaginário do público em relação ao poeta. Nesse sentido, estas publicações retratam o artista de forma fidedigna? A biografia documental, histórica ou jornalística procura, em geral, apoiar-se em dados que possam ser checados, por isso, realizar um inventário de mídia impressa, em que seja possível cruzar dados jornalísticos com outros documentos – a exemplo de cartas, cadernos, entrevistas e depoimentos de familiares, amigos e pesquisadores – é de suma importância no sentido de buscar tal fidedignidade.

Como dissemos, existe uma tradição de estudos bibliográficos sobre Manoel de Barros na mídia impressa, que passa por trabalhos de Afonso de Castro (1991), Kelcilene Silva (1998), Walquíria Béda (2002), Marcelo Marinho (2002), Adalberto Müller (2010) e Rauer Ribeiro Rodrigues e Kelcilene Grácia-Rodrigues (2019). Tais levantamentos têm diferentes características e enfoques, mas se assemelham por buscarem dados à fortuna crítica do poeta. Em nossa pesquisa, trilhamos o caminho da construção de um novo inventário de registros jornalísticos que levasse em conta os esforços anteriores. Em um estudo biográfico como este, seguimos o entendimento de Traquina (2005, p. 26), para quem os jornais auxiliam na “construção da realidade”. Eles enfatizam um ponto de vista e resumem testemunhos, mas são indispensáveis para a composição do personagem.

Um inventário, segundo Maciel (2009, p. 30), é um “levantamento exaustivo dos itens que integram um dado conjunto ou acervo”. Nosso inventário de Manoel foi, sem dúvida, exaustivo e reuniu (até o momento) 1.848 registros, atualizou os levantamentos anteriores e abarcou um século (1920-2020), sendo organizado em uma linha do tempo de notícias, reportagens, entrevistas, notas, artigos, colunas, resenhas, fotografias etc.

A coleta começou em março de 2023 com a consulta à produção jornalística entre 1942 e 2002, catalogada por Walquíria Béda (2002), e o acervo da *Gleba Expositiva Manoel de Barros*, de Marcelo Marinho, com registros entre as décadas de 1940 e 2000. Para encontrar o material que ficou de fora dessas coleções e acrescentar ao levantamento a produção jornalística dos últimos 20 anos, fizemos buscas nos acervos digitais dos jornais *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Valor Econômico* e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O garimpo de mídia impressa ainda não foi encerrado. O acervo que montamos contemplou publicações da mídia de circulação nacional, que apresentaram a um número maior de leitores notícias sobre o poeta, tornando-se um recorte representativo. Arquivado e descrito década a década, com sinopses e referências de veículos, datas, autores e fotos, o material corroborou os estudos anteriores que citam o reconhecimento tardio de Manoel nos anos 1980, e mostrou uma escalada gradual no conteúdo publicado até os anos 2010.

Os 1,8 mil registros coletados – material publicado entre os anos 1920 e 2020 em 126 jornais e revistas – foram divididos por décadas, numa listagem cronológica, da mais antiga para a mais recente. Classificamos o material por gêneros jornalísticos a partir de Marques de Melo (2010), a saber: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Na classificação por décadas, encontramos três registros na década de 1920; cinco na de 1930; 28 na de 1940; 13 na de 1950; 47 na de 1960; 15 na de 1970; 114 na de 1980; 362 na de 1990; 558 na de 2000; 637 na de 2010 e 66 na de 2020. Já, na classificação por gênero, foram 715 registros no gênero utilitário; 737 no informativo; 353 no opinativo; 31 no interpretativo e 12 no diversional. Os veículos que mais trouxeram notícias foram *O Globo* (815), *O Estado de S. Paulo* (260), *Jornal do Brasil* (147), *Folha de S. Paulo* (149) e *Correio Braziliense* (62). Os demais veículos de imprensa no país foram responsáveis por 415 registros.

Coletamos 529 autores diferentes que citaram Manoel de Barros na imprensa escrita, sendo os mais produtivos Ubiratan Brasil com 25 matérias e José Castello com 24. Encontramos 224 registros de fotos do poeta, com a predominância dos fotógrafos Marcelo Buainain (21), Ana Branco (7), Mirian Fichtner (7) e Jonne Roriz (5). Das matérias, 307 fizeram referências ao Pantanal e 230 colocaram o poeta como um dos maiores do país. Catalogamos 114 registros de entrevistas, sendo 44 concedidas por escrito, 26 pessoalmente, sete por telefone e 37 sem informações no texto sobre como se deu o diálogo entre repórter e fonte. Nas matérias levantadas, sua timidez foi citada 142 vezes; seu “olhar” voltado para a infância, 341 vezes; e a noção de Natureza apareceu 463 vezes.

Na imprensa, Manoel foi comparado e relacionado a outros autores da literatura, como Guimarães Rosa (104 vezes), Drummond (65), Adélia Prado (44), João Cabral (42), Ferreira Gullar (33), Fernando Pessoa (34), Mário Quintana (27), Cecília Meireles (21) e Clarice Lispector (27). Nos registros, a mídia impressa citou 113 autores que ele leu. Os mais referenciados foram Guimarães Rosa (52 vezes), Antônio Vieira (53), Arthur Rimbaud (43), Charles Baudelaire (17) e Fernando Pessoa (14).

Manoel apareceu pouco na mídia impressa até o final da década de 1970. Dele encontramos apenas 111 registros dos anos 1920 aos 1970, que correspondem a 6% do total do inventário. Já em duas décadas, entre os anos 1980 e 1990, encontramos 476 registros, ou 25,75% do total. No período, ao ser elogiado por Millôr, Drummond, Houaiss, José Mindlin e Ênio Silveira, ele ganhou progressivamente mais espaço na mídia. Com a consagração, nos anos 2000 e 2010, localizamos 1.195 registros, 64% do inventário. No período, ganhou prêmios literários, vendeu mais de 300 mil exemplares para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), inspirou filmes, documentários, exposições

e espetáculos, foi celebrado e visitado por estrelas da Rede Globo, chamado na imprensa de “gênio criativo” e “um dos mais importantes literatos brasileiros”. Na primeira década após a sua morte, nos anos 2020, o número de registros caiu consideravelmente para 66 ou 3,57% do total.

Manoel morreu há 10 anos, celebrado pela crítica e pela imprensa como um dos maiores nomes da poesia do Brasil. O reconhecimento se consolidou a partir da década de 1980 (Andrade, 2017) e alguns dos títulos das matérias desta consolidação dizem: “O poeta que poucos conhecem” (*Jornal do Brasil*, 1988); “O poeta do lixo” (*Jornal do Brasil*, 1990); “O poeta do Pantanal Mato-grossense” (*O Estado de S. Paulo*, 1989).

Na organização do material coletado, criamos pastas e planilhas para salvar as versões digitalizadas (PDFs e JPGs) das páginas de jornais e revistas, que foram estruturadas em pastas por fontes e décadas. Também abrimos arquivos de texto para incluir descrições do conteúdo e uma planilha para catalogar o material em categorias diversas (autor, título, veículo, UF, contexto de publicação, fotografias, tom da crítica e citações à timidez, infância, pantanal etc). Nas linhas da planilha, cruzadas às colunas, registramos dados biográficos, entre os quais: família; vivência na fazenda; citações do Pantanal; vida no Rio de Janeiro; militância comunista; preferência religiosa; viagens à Bolívia e aos EUA; gostos literários e musicais; reconhecimento tardio; incentivadores; timidez; comparações com autores; encontros com Guimarães Rosa e adjetivos usados para descrever o poeta.

Essa estratégia de catalogação ofereceu à nossa pesquisa uma visão biográfica mais aproximada, capaz de auxiliar na compreensão e checagem de informações. Ao formarmos um banco de dados biográfico específico a partir da imprensa, conseguimos construir uma linha do tempo que permitiu análises mais objetivas do personagem, centradas em documentos de imprensa, que propiciam recortes de época e contextos, a fim de dar conta da complexidade do autor estudado. De acordo com Dosse (2015), o material jornalístico é um importante recurso na pesquisa biográfica e oferece um contraponto ao material levantado em cartas, diários e entrevistas. Em sentido hologramático, contudo, este material não pode ser tomado como sendo a totalidade do personagem estudado, uma vez que também está sujeito a equívocos. Como veremos a seguir, a imprensa jamais abordou em profundidade o aspecto mentiroso da personalidade do poeta, fato que somente pode ser desvelado com a investigação biográfica.

Mentiras e invenções

A nossa primeira constatação ao analisar os dados coletados foi a de que não poderíamos confiar plenamente nas informações prestadas pelo poeta no interior das matérias. Tal constatação representou para nós um grande desafio na empresa biográfica. Nas matérias e entrevistas concedidas à imprensa, Manoel mentia frequentemente sobre si mesmo, disseminando uma cadeia de histórias falsas. A partir de checagens contínuas, verificamos que o poeta inventou que esteve com Vinicius de Moraes em noites pelo Rio e em Cuiabá; que fracassou no sexo com a atriz Leila Diniz; que conheceu os poetas César Vallejo e José Lezama Lima durante viagens pela América Latina; que viveu com indígenas na Bolívia; que ciceroneou Guimarães Rosa durante viagem ao Pantanal; que escreveu cartas para Clarice Lispector e recebeu elogios dela, etc. Estudiosos, acadêmicos, jornalistas e leitores acreditaram por anos a fio nas invenções e as reproduziram em seus estudos, monografias, dissertações, teses de doutorado, matérias de imprensa e artigos científicos. Em entrevista que realizamos com o jornalista Pedro Spíndola, amigo do poeta por mais de 30 anos, ele contou que Manoel lhe confidenciou que fazia isso para incrementar sua biografia que era, segundo ele, muito sem graça.

Cremos necessitar ainda de muitos anos para compreender a real extensão de todas as mentiras contadas pelo poeta. Entendemos tais mentiras como um desafio e um problema biográfico de alta relevância para a pesquisa. Como dissemos, tais mentiras só foram possíveis de serem identificadas mediante sucessivas checagens. O volume e a sucessão de lorotas por ele inventadas eram de tal monta, que tomaram um tempo considerável na pesquisa em andamento, gerando retardos devido ao tempo gasto nas consultas em acervos públicos, deslocamentos e viagens para averiguações. Além disso, o grande volume de informações falsas nos fez suspeitar dos demais dados, que precisaram ser revistos.

O próprio autor alertou em sua obra sobre o gosto por inventar: “Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira” (Barros, 2000, p. 45). A peculiar distinção que Manoel faz entre “invenção” e “mentira” não deve ser ignorada. A partir do estudo sobre os três livros de *Memórias Inventadas*, Linhares (2006, p. 47) percebeu que o poeta, ao apresentar suas memórias da infância, o faz “anunciando que tudo o que não nasce das suas invenções é falso, o que não significa que irá narrar mentiras, pois no universo diegético a invenção não se opõe à verdade.” A linha tênue entre invenção e mentira merece ser ponderada¹.

Do ponto de vista das informações biográficas e dos dados a elas relacionados, esperamos sempre a veracidade dos fatos e não invenções e muito menos mentiras. Ao acrescentar o fator “invenções” ao dado biográfico, o poeta se aproxima mais da ficção como narrativa de si. Aqui ele substitui a verdade pela invenção, mas, ao fazê-lo, induz os seus leitores ao erro biográfico. Mesmo que a distinção entre mentira e invenção não seja algo tênue, como de fato não parece ser, a questão continua problemática. Enquanto a invenção é fruto da imaginação, um construto da criatividade, em que todas as partes envolvidas estão devidamente cientes; a mentira tem a finalidade de engano, de indução ao erro, e apenas uma parte dos implicados sabe a verdade.

Em Manoel é possível praticar fielmente essa distinção? Não estará o poeta apostando nos dois sentidos? Ou seja, de igual modo, inventando e mentindo? Essa pergunta-problema nos ajuda a perceber e a compreender a complexidade de uma investigação biográfica factual do mato-grossense. O que é mentira e o que é invenção? Ao separar as definições, no sentido explicativo, ele não estaria aproximando-as? Não por acaso as pesquisas acadêmicas que tangenciam a questão biográfica e autobiográfica em Manoel acentuam o paralelo entre narrativo, ficcional, mítico e mitológico, a exemplo de Bêda (2007), Linhares (2006) e David (2005). Além de que, o próprio poeta chegou a insistir em tal caráter. Aos 86 anos, em entrevista a Rogério Eduardo Alves, na *Folha de São Paulo*, publicada em 2003, ele disse:

Acho que mitologizar é uma das funções da poesia. Através das imagens o que aparece é o mito de mim. Sempre que escrevo, escrevo a criação de um mito. Gosto de progredir para o início dos seres. Quando eles inventavam para eles o mundo possível. Os primitivos precisam inventar as suas origens. Os poetas também (Barros apud Alves, Folha de S. Paulo, E10).

Ao argumentar que, mediante as “imagens o que aparece é o mito de mim” e que “sempre que escrevo, escrevo a criação de um mito”, Manoel afirma que elabora a sua própria origem. A partir das imagens inventadas, ele constrói um mito de si mesmo. David (2005, p. 2) entendeu que a estratégia do autor foi a de associar o “mito de mim” à “criação de um mito” próprio, pessoal, por meio do recurso da memória e da imaginação. Em sua poesia, ambas fundam um tempo mítico, tornando o passado presente, e negando o tempo cronológico, fazendo, assim, com que a limitação do tempo da vida seja esquecida ou retardada. Na construção do “mito de mim”, a memória realiza um trabalho imprescindível quando o poeta se ocupa em libertar-se do tempo. Ele procura estabelecer-se no mito a fim de reno-

¹ Segundo Houaiss, a mentira pode ser definida como: 1) ato ou efeito de mentir; engano, falsidade, fraude; 2) hábito de mentir; 3) afirmação contrária à verdade a fim de induzir a erro; 4) ideia, opinião, juízo falso ou equivocado; 5) por extensão, aquilo que é enganador, ilude. E a invenção: 1) Imaginação produtiva ou criadora, capacidade criativa; 2) descoberta ou criação (decorrente de estudo ou experimento) de alguma coisa, geralmente de utilidade social; 3) faculdade de criar ou de pôr em prática uma ideia, uma concepção; criação; 4) por extensão, coisa imaginada que se dá como verdadeira; invencione, fantasia; 5) Toda criação humana inédita que possa ser aproveitada industrialmente; 6) breve composição em estilo de contraponto, às vezes improvisada, cultivada com fins didáticos ou para demonstrar domínio técnico perfeito. Retirado da internet: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2. Acesso em: 03.jan.2024.

var-se: contar a si mesmo como mito implica assumir uma biografia flutuante e oscilante, sem limites e sem linearidade pelo presente, o passado e o futuro.

Convém salientar que o poeta tem consciência da limitação de sua intenção de dizer a verdade sobre si mesmo. Ele cuida de fazer com que as imagens, fatos e acontecimentos cheguem até nós como a história de um “mito de mim” ou como uma mitohistória. No entanto, como assinala Alberti (1991, p.79) “o mito construído pelo sujeito autobiográfico deixa sempre um resíduo que não se encaixa na estrutura concebida”. É o que constatamos nas checagens, entrevistas e levantamentos realizados. Confirma-se a hipótese da proximidade entre mito e mentira, por um lado, e entre mito e invenção, por outro. Embora vigore na pesquisa biográfica mais o paradigma do imperativo da factibilidade do que o da invenção, devemos lembrar que nem sempre a pesquisa biográfica gozou dessa premissa. A questão da falsidade, da imprecisão e da mitologia aproxima-se dos aspectos biográficos mais do que imaginamos.

Entendemos com Edgar Morin que “as ideias opostas da verdade e da mentira da arte” precisam ser entendidas como complementares, a “vida com o mais e com o menos”, na qual o menos é “a ausência de realidade física” e o mais é a “magia propriamente estética”, “a vida figurada e, assim, transfigurada” (Morin, 2017 p. 57). Ao falar da necessidade de incluir e compreender o “duplo” na arte, ele refere-se às tradições que separam “a via realista” da “via fantástica”.

Nas artes, no romance, na pintura, na escultura, no cinema, existem duas vias que podem se combinar, a via realista, que quer representar a vida e refletir o real, inclusive por meio de personagens, de acontecimentos, de ficção, e a via fantástica, que inventa um universo livre de normas de nossa realidade. Essas duas vias podem se combinar, mas quase sempre são distintas. (Morin, 2017, p. 55)

A busca da verdade biográfica

É interessante notar que inúmeros teóricos se debruçaram sobre a prática biográfica – como Dosse (2015), Caballé (2021), Maurois (2024) e Edel (1984), entre outros – e colocaram a busca pela verdade em primeiro plano. Maurois chega a dizer: “Tentamos definir o primeiro traço da biografia moderna: a busca intrépida pela verdade” (2024, p. 20). Ou, ainda: “A verdade? Sim, devemos persegui-la com toda nossa alma.” (Idem, p. 45)

Para ele, a verdade é uma fórmula insuficiente, que deve ser complementada pela busca da complexidade da pessoa. Segundo Damasceno (2002, p. 55 e 56), os textos biográficos escritos na pós-modernidade lidam com identidades que não devem ser entendidas, pensadas e descritas como estáveis, pois as vidas narradas são “sistemas complexos”, compostos por “fragmentos discrepantes”, integrados de forma artificial “em unidades homogêneas e globais”, em exercícios que visam “dar significado a dados dispersos de uma vida”.

Entre a busca da verdade e a complexidade do sujeito, o biógrafo deve ficar com as duas. Para isso, é preciso uma checagem aprofundada da personagem retratada e dos acontecimentos. Se somos ambíguos, esquecemos ou omitimos os fatos por pudor, se temos lembranças com contornos pouco precisos e fantasiamos a respeito das coisas, ou, como no caso de Manoel, as inventamos, cabe ao estudioso da biografia não negligenciar detalhes e ser ainda mais exigente na checagem dos documentos. “Ele [biógrafo] tem o dever de ler tudo porque corre o risco, se não ler tudo, de negligenciar um detalhe importante ou de acreditar ser verdadeiro um fato cuja falsidade é provada por outros documentos” (Maurois, 2024, p. 32).

No trabalho biográfico, o biógrafo tem um pacto de não-ficção. É permitida a imaginação na forma, mas não no fato, segundo Leon Edel, em *Vidas ajenas: Principia biographica* (1984). A Edel coube a tarefa de biografar o escritor norte-ameri-

cano Henry James com todas as nuances e idiossincrasias de um homem moderno. Para Edel, nenhuma vida se vive fora da história ou da sociedade, ela transcorre no tempo do ser humano, daí a importância de ser documentada em detalhes.

Edel parte do princípio de que a vida de uma pessoa é um pequeno arquivo de seu tempo, por isso a necessidade da veracidade. O biógrafo de James cita três princípios: 1) o biógrafo deve aprender a entender as formas como o homem sonha, pensa e emprega sua imaginação; 2) deve aprender a ser um observador participante e não se apaixonar por seu biografado e, 3) deve analisar materiais para descobrir certas chaves que conduzem às verdades mais íntimas do sujeito, a “mitologia privada do indivíduo” (Edel, 1984, p. 23).

Embora seja trabalhoso seguir o rastro de uma vida sem que ela lhe pertença, no dizer de Caballé, essa é a única maneira de sermos fieis ao personagem. Caballé (2021, p. 32) pensa no passado “como um holograma capaz de insuflar um vigor especial para o conhecimento.” Para ela, ao adentrar a vida de um ser humano, “surge algo distinto, algo que não é você, e que muda sua percepção da realidade. Diria que esta é a pedra de toque que permite discernir entre o autenticamente sentido e a rotina profissional. O autêntico exige sangue.” (Caballé, 2021, p. 32).

Caballé (2021, p. 73) repete Virginia Woolf ao dizer que não há tarefa mais complexa do que conciliar o granito dos feitos com o arco-íris da personalidade. Ginzburg, por sua vez, em *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício* (2007), propõe a noção de “fio” no sentido de não nos perdermos nesse intrincado jogo que é a separação da verdade, da mentira e da ficção que as pessoas criam para si. O relato é um fio que nos orienta no labirinto da realidade, com o uso de rastros, histórias verdadeiras que às vezes têm como objeto o falso. Diz Guinsburg:

Da profusão de relações entre ficção e realidade, vimos surgir um terceiro termo: o falso, o não autêntico – o fictício que se faz passar por verdadeiro. É um tema que deixa os céticos em situação incômoda, pois implica a realidade: essa realidade externa que nem sequer as aspas conseguem exorcizar (Ginzburg, 2007, p. 13).

Para Guinsburg, ao lidar com falsas lendas, falsos acontecimentos e até mesmo falsos documentos, é indispensável que o biógrafo tome uma posição preliminar sobre sua constituição. Pesquisar, ler, checar e recheckar são as tarefas e o trabalho a ser feito. No caso do poeta Manoel de Barros, foi o que fizemos. Ao nos depararmos com falsos acontecimentos, assumimos inevitavelmente a posição crítica de averiguar, tomando distância estratégica do personagem, aquilo que Lira Neto (2022) chamou de “senso de detetive, olhar de antropólogo e espírito de arqueólogo”. Ele conta em seu livro *A arte da Biografia* (2022, p. 99) que “foi Ginzburg quem comparou a investigação do passado ao trabalho de detetive, alguém que, a partir de indícios triviais, por vezes imperceptíveis à maioria, é capaz de reconstituir os detalhes de um ambiente e de uma cena”.

Do mesmo modo, Lira Neto (2022, p. 96) observou que “a obsessão é inerente ao trabalho do biógrafo”. Assim, adotamos diante das mentiras contadas por Manoel uma postura detetivesca ou simplesmente jornalística, no sentido de apurar os indícios de falsidade declaratória do poeta.

Considerações finais

A pesquisa de um indivíduo que disseminou relatos falsos sobre si mesmo como fez Manoel de Barros torna-se um grande exercício de *fact-checking*. O papel da verdade, da mentira e da ficção, é decisivo em uma pesquisa biográfica futura sobre o poeta. A pesquisa jornalística desenvolvida até o momento nos permitiu amadurecer o olhar crítico em relação ao personagem, perceber a necessidade de checagens contínuas do material coletado, assim como a importância de articular questões, a exemplo da verdade, ficção, invenção e mentira.

Além da pesquisa nos arquivos da imprensa, a investigação biográfica em desenvolvimento nos fez abrir diferentes frentes de trabalho como: levantamento do estado da arte acadêmico, coleta e transcrição de cartas, formulação de árvore genealógica, estudos das relações familiares e do contexto sócio e cultural do Rio de Janeiro e do Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. O conjunto desses dados permite revelar diferentes imagens do poeta. Edel (1984) compreende as biografias como um mosaico ou quebra-cabeças pela montagem de fragmentos ordenados para formar uma imagem. No caso de Manoel, a coleta das matérias jornalísticas na imprensa escrita entre 1920 e 2020, permitiu vislumbrar um dos “fios” narrativos do grande texto que é o poeta mato-grossense.

Nosso inventário na imprensa avançou quantitativamente em relação às coletas anteriores e estamos trabalhando para disponibilizá-lo em um site próprio dedicado à pesquisa. O inventário também subsidiou a obra biográfica em curso sobre o poeta, que tende a ganhar em verdade e amadurecimento devido às checagens das diferentes fontes e documentos. É certo que a longevidade do personagem investigado amplia a dificuldade da pesquisa. A produção literária de Manoel abrange um intervalo de 74 anos entre seu livro de estreia e sua última obra publicada em vida – *Poemas Concebidos Sem Pecado* (1937) e *Escritos em Verbal de Ave* (2011), respectivamente. Nesse longo período temporal, suas invenções e mentiras aparecem de igual modo como um dos principais desafios na busca de nexos e coerências do personagem.

Percebemos na leitura das matérias jornalísticas o papel social do poeta, que foi o de alimentar o imaginário brasileiro de onirismo, beleza e de uma certa visão de Natureza, extraída de sua proximidade com o Pantanal. Nossas conclusões apontam, por fim, para a importância do método da complexidade como investimento tático, estratégico e intelectual no sentido de atuar com múltiplos saberes, teorias e metodologias, a fim de operacionalizar a pesquisa e a escrita biográfica. A metodologia da complexidade nos permitiu adotar a postura de religação (e não a de exclusão) entre a mentira e a verdade, o fato e a ficção, o imaginado e o vivido; permitiu compreender que uma pessoa tem o direito de querer operar sobre si mesma pela chave da invenção, e que sua biografia pode ser definida, da mesma forma, pelas mentiras que constrói sobre si.

Referências

ACCIOLY, Anna. **A desconstrução da palavra**. Cadernos do Terceiro Mundo, Rio de Janeiro, julho de 1994. Editora Terceiro Mundo, p. 17 e 19.

ALBERTI, Verena. **Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa**. Estudos históricos - Viagem e narrativa, Rio de Janeiro, v.4, nº 7, p.66-81, 1991

ANDRADE, Antonio. **Manoel de Barros: o reconhecimento tardio de um Poeta Fazendeiro**. University of California, Santa Barbara. Santa Barbara Portuguese Studies, vol. 1, 2017.

ALVES, Rogério Alves. “Construtor de mitos.” *Folha de S. Paulo*, 13/05/2003. Ilustrada, E10.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo. Leya, 2010.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. **O inventário bibliográfico de Manoel de Barros ou “Me encontrei no azul de sua tarde”**. 2002. 271 f. + anexos. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

BÉDA, Walquiria Gonçalves. **A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e autobiografia**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007.

BORGES, João. A lírica concisa que vem do Pantanal. **O Estado de S.Paulo: São Paulo**, 24/03/1989. Caderno 2, p. 12.

CABALLÉ, Anna. **El saber biográfico** – Reflexiones de taller. Oviedo: Ediciones Nobel, 2021.

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira**. Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1951.

CASTRO, Afonso. de. **A poética de Manoel de Barros: a linguagem e a volta à infância**. Campo Grande: FUCMT-UCDB, 1992.

DAMASCENO, Diana. **Biografia jornalística: o texto da complexidade**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2002, 70 p.

DAVID, Nismaria. '**Avançar para o começo**': o mito na poesia de Manoel de Barros. *Ipotesi* (UFJF. Impresso) , v. 9, p. 135-146, 2006

DAVID, Nismaria. De Dostoiewski a Plínio Salgado. **Tribuna da Imprensa**: Rio de Janeiro, 14/05/1956, p. 3.

DE CASTRO, G.; DRAVET, F. M.; VIANNA, A. J.; CRUZEIRO, V. L. Literary Journalism, Transdisciplinarity and Complexity Field: The Journalistic and Literary Knowledges of João Guimarães Rosa. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 816–839, 2018. DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1109. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1109>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Diário de Notícias. Prêmio Orlando Dantas é recompensa para o poeta. Rio de Janeiro, 0/09/1960.

DOSSE, François. **O desafio biográfico** – Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2015.

DOSSE, F. A biografia posta à prova da identidade narrativa. **Esferas**, v. 1, n. 25, p. 1 - 36, 17 nov. 2022.

EDEL, Leon - **Vidas ajenas: Principia biográfica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

FRAGA, Rosidelma Pereira. A fortuna crítica acadêmica de Manoel de Barros. *In: Revista eletrônica Falas Breves*, v. 4, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, maio, 2017

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

JANSEN, Roberta. **Manoel de Barros salva palavras da mesmice**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 de maio de 1995. Caderno 2, D1.

LINHARES, Andréa Regina Fernandes. **Memórias inventadas: Figurações do sujeito na escrita autobiográfica de Manoel de Barros**. Dissertação (Mestrado em

historia da literatura) – Instituição depositária: Núcleo de informação e documentação Fundação Universidade Federal do Rio Grande: 2006

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: UFMG, 2009, 160p.

MAUROIS, André. **Aspectos da biografia**. Tradução de Olivier Xavier. Brasília: EdUnB, 2024. (Prelo).

MELO, José Marques de.; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MORIN, Edgar. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pró-saber, 2017.

MÜLLER, Adalberto; BARROS, Manoel de (Org.). **Manoel de Barros: Encontros**. 1. ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2010. v. 1. 173p .

MOURA, Dione. In: PORTO, Sérgio D; MOULLIAUD, Maurice (organizador). O relato jornalístico: além do atual, do singular e do extraordinário. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Ed. UnB, 2012, p. 323-340.

NETO, Lira. **A arte da biografia**. Como escrever histórias de vida. São Paulo: Cia das Letras, 2022.

RODRIGUES, Paulo Morgado. **Manoel de Barros**: confluência entre poesia e crônica. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Kelcilene Grácia. **A poética de Manoel de Barros**: um jeito de olhar o mundo (Dissertação Mestrado Letras). Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciência e Letras de Assis, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

WALDMAN, Berta. A poesia de Manoel de Barros: uma gramática expositiva do chão. **Jornal do Brasil**: Rio de Janeiro, 27/05/1989.

YAMAMOTO, Cícera Rosa Segredo. **Memória e identidade na poética de Manoel de Barros**. 2016.173 f. Tese (Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.